

CONSULTORIA DOCTRINARIA

O SÁBADO DE HEBREUS 4

A que sábado se refere Heb. 4:3-10? Era o sétimo dia? Era o milênio sabático? Gos-taria de saber. — J.L.

Não, o tema abordado neste capítulo não é o dia santificado. Trata-se na entrada no "descanso de Deus" pela fé. Será bom ler também todo o capítulo 3, e reler atentamente o capítulo 4, sem nenhuma idéia preconcebida.

O Senhor deseja levar Seus filhos, os cristãos fiéis, para junto de Si, para aquele eterno repouso prometido em Sua palavra. Acentua repetidamente o autor da carta aos Hebreus, no 3.º e 4.º capítulos, que os hebreus da antiguidade não entraram naquele repouso. É o "repouso de Deus", uma dádiva concedida ao homem, a cessação das lutas e angústias, o fruir a tranqüilidade permanente. Não se trata, como é óbvio, do chamado "milênio sabático" — doutrina estranha à nossa teologia, idéia exdrúxula dos jeovistas. Como, porém, o repouso eterno só se dá por ocasião da posse do reino eterno, então fala-nos a carta aos Hebreus que podemos, pela fé, ao cremos em Jesus e nos relacionarmos com Ele, sentir e antegozar esse abençoado repouso.

Há duas comparações para esse repouso: o dia de sábado, que comemora o "descanso" de Deus após a obra da Criação, e a Terra prometida aos israelitas com o objetivo de lá se fixarem e "repousarem". Contudo não houve o repouso.

Diz o verso 8: "Se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria posteriormente a respeito de um outro dia", isto é não outro dia da semana, nem um dia de 24 horas, mas sim numa outra ocasião, numa outra época, em que Deus daria repouso ao Seu povo.

A única razão pela qual se menciona o sétimo dia, é mostrar que o plano de Deus

acerca do repouso de Seu povo vem desde o princípio do mundo. Qual era o plano de Deus? Que a Terra criada, como saiu de Suas mãos se destinasse a ser o lar de repouso do homem por toda a eternidade. E o que aconteceu? Entrou o pecado no mundo, e o homem conseqüentemente deixou de ter o repouso. Passou a ter dores, angústias, lutas, aflições. Nada de paz e repouso.

Deus, no entanto, prometeu repouso aos israelitas, quando saíram do Egito. Possuiriam terra própria, seus lares, viveriam numa comunidade dirigida por Deus, enfim entrariam no repouso. Isto se tivessem crido, e se tivessem permanecido fiéis a Deus. Tal não ocorreu, e Josué não lhes pôde dar o repouso na "terra que mana leite e mel". A entrada no repouso de Deus, portanto, ainda está no futuro. De outra feita, sob Salomão e Davi, Deus queria dar repouso ao Seu povo. A incredulidade, porém, o impediu.

Chegamos, então, à situação mencionada em Heb. 4 e que é a mesma de hoje, e o será até o glorioso dia da vinda de Jesus. *Agora o Senhor concede esse repouso a cada alma INDIVIDUALMENTE, pela fé. "Hoje" — cada dia — Deus nos chama para entrarmos naquele repouso. Quando o homem angustiado e perdido abandona seus próprios esforços e lutas, suas próprias obras, sua justiça própria e seus pecados, e se rende inteiramente a Deus através de Cristo e de Sua justiça imaculada, ele entra no princípio desse repouso, e esse repouso se completará quando o homem entrar na Terra renovada por ocasião da segunda vinda de Cristo. Jesus diz aos angustiados que se dirijam a Ele, e acharão "descanso para sua alma".*

Repitamos: a única razão de ser mencionado o sábado nesta passagem, é o fato de ser o sábado um penhor do eterno repouso de Deus, quando Seu plano se completar, na redenção. "Resta ainda um

sabatismo para o povo de Deus" (v. 9). É o repouso do pecado, das angústias e frustrações da vida neste mundo condenado. É o repouso refrigerante da alma redimida, na eternidade.

ÓSCULO SANTO

Que se entende por "ósculo santo"? Por que os adventistas não o praticam, se é recomendado em vários textos? — A. A.

Sabemos que o beijo era e ainda é, em alguns países do Oriente, de maneira mais afetiva de cumprimentar. Uma saudação respeitosa. Há referências desse costume na Bíblia. S. Luc. 7:45; S. Mat. 26:48; Atos 20:37 e outras passagens.

O que, porém, embaraça a muita gente é o chamado "ósculo santo", que aparece cinco vezes no Novo Testamento, recomendado por Paulo e Pedro, parecendo ter uma conotação religiosa.

O hábito de oscular vem dos tempos do Velho Testamento (Gên. 29:13), e expressava afeição (Gên. 27:26 e 27; I Sam. 20:41), reconciliação (Gên. 45:15), despedida (Rute 1:9 e 14; I Reis 19:20), e homenagem (I Sam. 10:1). O beijo era, pois, um símbolo de aproximação, de amor, de afetividade entre os homens.

Ordenava-se aos cristãos primitivos que se osculassem com o beijo santo, ou do amor. Eis as passagens: Rom. 16:16; I Cor. 16:20; II Cor. 13:12; I Tess. 5:26, e I S. Ped. 5:14. Parece que Paulo desejava que os crentes se osculassem reciprocamente ao receberem suas epístolas, em sinal de regozijo e amizade cristã. Não se infere dessas referências textuais que o ósculo fosse obrigatório por ocasião da Ceia do Senhor. Só posteriormente é que se tornou costume entre os cristãos, talvez da era subapostólica, trocaram essa saudação cordial na ocasião da celebração da Ceia, segundo nos informa

Justino Mártir em sua *Apolo-gia*, cap. 65. E consoante Tertuliano e Clemente de Alexandria, o beijo da paz, depois da metade do segundo século, teve destacado lugar no culto público, sempre ligado à Eucaristia. Segundo nos informam esses escritores, os irmãos beijavam-se entre as orações do início da solenidade e o ato da consagração dos elementos (pão e vinho). A mesma cerimônia esteve em vigor também no Ocidente. Em Roma e Norte da África, o ósculo santo não ocorria antes da consagração dos símbolos, mas entre a consagração e o ato da participação do pão e do vinho, costume que passou também para a igreja latina. Crê-se que o beijar antes da participação dos elementos baseava-se nas palavras do Senhor Jesus: "vai reconciliar-te primeiro com o teu irmão". S. Mat. 5:22 e seguintes. Temos informações de que o ato de oscular começava pelos dirigentes e oficiais, e depois era seguido pela congregação. Segundo informação das *Constituições Apostólicas*, II, 57 e VIII, 11, havia separação de sexos, ou seja, os homens osculavam os homens, e as mulheres, as mulheres. Nem podia ser de outra forma. Conforme o costume palestino, dava-se o beijo nas bochechas, na testa, na barba, nas mãos ou nos pés. Nunca, porém, nos lábios.

Na cristandade ocidental, o ósculo santo continuou a ser observado até o período tenebroso da Idade Média, embora já alterado em sua forma. Parece que posteriormente, o próprio Oriente afrouxou esta prática. Nas igrejas Romana e Ortodoxa, manteve-se a intenção do ósculo, na prática do chamado *osculatorium*. Consiste no seguinte: os oficiantes beijam o altar e os elementos, e a seguir beija-se a estola do clérigo.

A Reforma protestante (do século XVI) não considerou o ósculo santo como ordenança evangélica, tendo-o como mero costume oriental. Comentadores como Clarke dizem que, na igreja primitiva, os cristãos não se beijavam apenas nas reuniões públicas, mas também em seus encontros ocasionais nas ruas e nos lares. Diz ainda este último comentarista que, crescendo o número de adeptos, a prática se foi tornando mais e mais difícil, a ponto de ser afrou-